

A MOCIDADE.

PERIODICO LITTERARIO.

A mocidade é a esperança da patria.

(MACHADO D'ASSIS.)

ANNO I. }

QUARTA-FEIRA 13 DE JANEIRO DE 1862.

N. 1.

A mocidade submette á consideração do publica, o órgão de seus sentimentos.

Sedentos de gloria, e entusiasmados pelo fogo juvenil, lançamo-nos ousados no vasto oceano da litteratura, sujeitos ao perigo que surge em taes empreensões, mas esperançosos de proseguir-mos nessa missão, confiados na benevola coadjuvação de nossos illustres assignantes.

Escolhemos o mez de Janeiro para o nascimento de nossa jornal. Oxalá seja uma feliz escolha para ser longo o seu viver.

Semelhantes ao peregrino que após a fadigosa jornada alcança o suspirado termo; assim nós caminhamos entusiasmados, derubando barreiras que se antepoñham á nossa perigrinação, afim de aportar-mos á barra que demandamos. Se o caminho porque trilharmos, tornar-se espinhoso, em premio de tanta fadiga, esperamos colher alguns fructos dos arbustos singelles que com carinho plantamos.

A missão a que nos propozemos é espinhosa, e outros menos animosos que nós, teriam succumbido ao peso de revezes; mas era dar máo exemplo, cair a mocidade exhausta, quando, cheia de vigor, deve affrontar os perigos.

O nosso jornal será o pavilhão da crença que quando nos vir baquear, tremule e diga:

Avante! Um a um, subiremos os degrãos do dever jornalístico, até que, quando attingirmos ao ultimo e nelle descansar-mos, possamos lançar olhares vangloriosos sobre o caminho que acabamos de trilhar e receber a palma do triumpho. O nosso modesto jornal é puramente um ensaio, para a cultivação de intelligencias fracas.

Oxalá que estivessemos no caso de melhor obra apresentar ao publico. Mas por ventura os grandes vultos litterarios, nasceram com esse brilho? Não estudaram, não aprenderam, e não se ensaiaram para depois suas reputações poderem ser baseadas solidamente? Porque, pois, devemos desanimar, se a esperança nos enthusiasma?

Estudemos, ensaiemo-nos primeiro, e se depois de envidados todos os esforços, se depois de esgotar-mos todos os recursos não conseguirmos o fim que sonhava-mos; então sim, devemos não desanimar, mas pelo menos lamentar o tempo perdido.

Porém se ainda agora começamos na lide, se ainda agora é que o nosso ensaio vai principiar; devemos esperar o resultado. A conclusão que devemos tirar é, que estudando, se e applicando-se consegue-se saber.

Seja pois a nossa divisa: —Animo e estudo, e os olhos fectos no campo da gloria. Se lá aportar-mos, empunharemos a bandeira da liberdade, e diremos aos vindouros: —Estudo e animo!

SAUDADES!!...

Como sou triste neste momento em que as saudades de minha terra veem se depositar vivas em minha imaginação ardente!... Que sentimento doce e terno envolve meu coração que geme triste recordando-se dos prazeres d'outr'ora!... da época da minha infancia, em que fui feliz! da vida de flores e de amores!... e do tempo em que innocente não conhecia os embustes e falsidades deste mundo ruidoso de immoralidades e corrupções!!...

Oh! que meigas saudades reanimam os tristes suspiros que partem de meu peito, e que poder sustem meu espirito ao descer de to. as as affeições que prendem o mancebo aos sonhos dourados do futuro!!... Ellas vem despertar minha alma que triste vivia immersa na dôr e na melancolia; vem dar-lhe vida e prazer, assim como o orvalho da manhã embellece as secas folhas da pobre violeta!!...

Como feliz é o homem que ausente de seu solo pôde ainda mesmo na tristeza perpassar em sua mente as recordações de um passado ma isado das flores mais bellas de um jardim de felicidades!... Como não são gratas para aquelles que soffrem as lembranças dessa vida de venturas!...

As saudades dos campos formosos em que alegres corriamos, saltando aquelle regatãozinho, que deslizava-se mansamente por entre aquellas campinas, em que a brisa graciosa brincava com as folhas da bonita laranjeira!... Saudades daquellas flores mimosas que colhiamos em nossos jardins e nos enfeitavamos com ellas; as cantigas alegres dos sertanejos que se misturando com os cantos dos passarinhos formavam uma orchestra sublime que em si encerrava os encantos da natureza, saudando a omnipotencia de Deus!... o crepusculo da tarde envolvia em si o quadro mais poetico e mais bello da *grande obra* do Creador!... enfim todo aquelle panorama que nos encantava a vista e nos enchia de prazer, é uma lembrança doce e pura como os sonhos de innocencia.

Quanto não é bella essa vida; e quanto não são consoladoras essas saudades?

E haverá quem não sinta uma lagrima correr-lhe pelas faces, um impulso d'alegria

despertar a insomnia do coração quando se recorda desses tempos de venturas?... Quem não seja feliz um momento, ao menos, em que as saudades do cêo de sua terra, venha dar-lhe um vislumbre de prazer?!

No entretanto um dia chega que é necessario ao homem deixar o lugar onde fora desabrochada a flor de sua existencia, os seus campos, os seus passarinhos, tudo, tudo que é seu!... e mais ainda, mais cruel que tudo, que se ausente de uma menina clara, formosa e candida, como a agucena do seu jardim, ella a sua vida, seus suspiros e sua ventura, para ir respirar bem longe, outro perfume que não seja o daquella innocente flor, ouvir outras palavras que não sejam as de seus irmãos! sentir outras emoções que não sejam aquellas inspiradas pela belleza de sua patria!

Elle parte... Entra em um mundo novo, em que se vê só!... n'um cercado de mentiras, sem achar um coração que compartilhe os seus pezares, que mitigue as suas dores! e logra a pratica de uma sociedade falsa e má que lança em seu seio o verme de uma descrença de fêl!...

Seu semblante, outr'ora alegre e feliz, ficou emurchecido pela tristeza e pelo enjôo de uma vida de isolamento!... Seus pensamentos puros e innocentes, como os primeiros sorrisos de uma criança, se enregelam pela dôr e pelo desprezo que lhe inspira esse mundo de infâmias e egoismo, porque elle só vê homens sem pudor, sem dignidade, que se abaixam por vis interesses aos sentimentos os mais detestaveis!...

A orgia, a libertinagem e o jogo, são os livros desses loucos mancebos que vão se perdendo na estrada dos vícios, e que tão uteis poderiam ser á patria!...

As senhoras da alta aristocracia, mancham o seu vestido com a noção do adultério!... As mulheres vendem, sem pejo, seu corpo ao vintem azinhavado daquelles que no lupanar da devassidão vão saciar o gozo desses prazeres materiaes!... A virgem casta e pudibunda, na aurora da vida, no viço da belleza, lança por terra o seu manto de innocencia e de virtude e vai, oh! miseria!... se alistar no exercito de impudicas Messalinas!...

Como a gentil goiabeira que batida por ventos tempestuosos, se quebra, e vergando sobre si, morre sem folhas, ainda na pri-

mavera da vida; assim a mulher que se perde, atira-se para sempre nesse abysmo de horror e de vergonha!...

Eis-abi o mundo que cerca o pobre joven que vive longe dos affectos de seu coração!

Eis o quadro que se apresenta a seus olhos quando elle se vê no meio desta sociedade!...

Elle torna-se um descrente, e só vê brilhar em seu espirito uma scintilla de felicidade, quando seus pensamentos se voltam para a sua terra, e as saudades dos tempos de criança se apresentam doces e vivas em seu coração; então uma terna esperança se deposita em sua alma, diminuem os desgostos e ressaibros dessa vida de tristeza e azedumes!...

Oh! como são gratos para o homem, essas saudades queridas? Como não é agradável essa harmonia que se desperta em seu coração de fogo quando elle se recorda dessa terra de amores?!... Um canto de gloria então se eleva, sublime e grandioso, impellido pelo sentimento do amor e do patriotismo que se desperta em seu coração, como o incenso que unido aos hymnos dos anjos se eleva ao throno do Eterno!

E' a saudade, ó esse inebriante sentimento que desperta em sua alma essa alegria estrondosa e essa esperança divina, como o som de uma harpa vibrada ao longe na solidão da noite!...

— A saudade é como o meigo suspiro da briza, que beijando as seccas folhas de uma pobre sensitiva, lhe dá vida, e belleza!...

1861.

R. Montenegro.

A' MORTE!

Bebamos! nem um canto de saudade!
Morrem na embriaguez da vida as dores!
Qu'importam sonhos, illusões desfeitas?
Fenecem como as flores!

(*José Bonifácio.*)

Mancebos, corramos! caminho da morte!
Da vida acabemos tormentos fataes!
Avante, mancebos! buscar melhor sorte,
Da vida ditosos momentos finaes.

Mancebos, avante! Gozaes esta vida,
Tão cheia de enganos, de mil illusões?
Amaes o veneno da taça perdida,
Qu'entorna no peito malditas paixões?

Avante! e deixemos da vida tormentos,
Na campa acharemos abrigo fiel,
Avante, mancebos! em breves momentos,
Da vida se esvâem as gottas de fôl!

Qu'importa o bulicio do mundo d'enganos?
Qu'importa deixar-mos a vida tão cedo?
Ao menos terminam trabalhos insanos,
Avante, mancebos! A' morte, sem medo!

Avante! oh! avante! mancebos, corramos!
Corramos contentes ao termo da sorte!
A vida é terrivel, findal-a buscamos,
Contentes, alegres voamos á morte!

Dezembro de 1861.

José Maria d'Almeida.

PORQUE CHORAS?

Porque choras, Elisa, no silencio?
Dize-me: porque choras?
Porque te vejo triste, soluçando,
Nas mais serenas horas?

Acaso nã tens fô no teu amante,
Não crês, Elisa, em mim?
Duvidas dos mais santos juramentos?
Responde, cherubim?

Diz-me, porque choras, minha Elisa,
Diz-me a tua dôr?
Acharás um abrigo respeitoso
No meu sincero amor.

Setembro de 1861.

A. de Souza.

CHOROU... SORRIU!

Morena deu-me uma rosa,
Eu acceitei;
Mas a rosa desbotou-se,
E eu chorei!

« Moreninha, a tua rosa
Desbotou! »
E a morena... coitadinha!
Soluçou.

Dei um beijo na morena,
E a flôr,
Derepente tomou logo,
Sua côr.

A morena, já contente,
Se sorriu ;
Tirou-me a rosa do peito,
E fugiu !...

Viriato.

A LOUCA.

Pobre virgem ! ainda em flôr,
Sentiste a chamma d'amor,
Abrazar-te o coração ;
Transformou-se o paraíso,
No despojo do juízo,
Pelo excesso da paixão.

Como é bella mesmo assim,
Naquelle scismar sem fim,
Naquelle dôr concentrada ;
Dondo a lagrima saudosa,
Não lhe brata vagarosa
Pela face desmaiada.

A sua historia é mui triste,
Porque tambem nella existe,
O remorso agigantado.
N'um momento allucinada
Deixou a mão entrevada
E fugiu e o bem amado.

Depois disso a sua vida,
Pela loucura abatida
Só tem sido expiação !
Sózinha vive no mundo,
N'um scismar mudo e profundo,
Que compunhe o coração !

Pobre virgem ! ainda em flôr,
Já sentes a aguda dôr,
Do remorso e da loucura ;
Possas tu ao menos inda
Gozar a paz doce, infinda,
No dormir da sepultura !

Novembro de 1861.

Flôr sem perfume.

(ORIGINAL.)

I.

N'uma casinha modesta morava uma costureira, gentil e bella. Chamava-se Margarida.

Orphã de pai e mãe, Margarida vira-se só no mundo. Bella como era, em perigo se achava nesta época ; e, precisando pelas circumstancias, procurar um meio de, honestamente ganhar a vida, fez-se costureira.

Havia dous annos que habitava nessa casinha, vivendo sempre feliz ; mas um dia, no coração, sentiu vibrar-se-lhe uma corda até-ahi muda : amava ! Um mancebo bem parecido frequentava diariamente a rua em que ella residia. Quando passava defronte de sua casa, queria andar, mas entedia-lo, parava, tendo seus olhares fitos nos de Margarida.

O amor nesse silencio fizera rapidos progressos !

E' sol posto. Margarida está á janella espiando a vista por essa natureza fértil, que, no mez de sua ostentação sobressahia altiva e magestosa. Passava suas martiricas mãos pelas negras madeixas de seu expesso cabello, e n'um momento de reflexão, cravava seus olhares na rua por onde devia apparecer aquelle que ella em silencio amava.

N'um destes momentos ella olhou, mas de repente estremeceu.... sentiu seu coração palpar descompassadamente, e.... sorriu, porque avistou ao longe quem esperava, como de costume, divisar.

Eis o breve retrato do novo personagem : mancebo de 23 a 25 annos, alto, bonito e sympathico. Tinha pequeno bigode preto, sem barba, cabello igualmente preto, e olhos cheios de fogo. Era pintor insigne, e como tal apreciado por aquelles que conheciam o talento do discipulo de Raphael.

Como de costume, elle passou, mas, ou por acaso, ou por premeditação, parou em frente da porta da casa de Margarida. Esta sem coragem para o encarar fixamente, retirou-se da janella.

O amante, ou por outra, Alfredo de Souza, levantou a cabeça, como se uma resolução firme d'elle se apoderára: entrou. Margarida ao sentir passos na escada, estremeceu. De subito, no limiar da porta, appareceu Alfredo pallido e titubante. Ella recuou primeiro, mas depois ficou altiva e ergueu a fronte orgulhosa e soberana.

Naquella posição magestática, assemelhava-se a uma rainha que impoe leis a seus subditos.

Alfredo entrou sem dizer palavra.

— Que quereis, senhor? disse Margarida com uma entonação de voz imperiosa.

Alfredo ao ver Margarida tão sevéra, recuou.

— Senhora.... disse; eu vinha.... declarar-vos meu amor!

— Ide, senhor, sahi de minha casa.

— Senhora, por compaixão....

— Retirai-vos, senhor, eu sou pobre, mas honesta.

Margarida enganava-se quanto ás intenções de Alfredo.

Costumada a saber as acções dos homens no ponto mais pernicioso, ella criminava os geralmente. Amava Alfredo, mas de longe; uma vez que elle resolutamente entrára em sua casa com modos exuberantemente românticos, ella trocára esse amor, pela mais completa indiferença.

(Continúa.)

Revista da quinzena.

Algumas tiras de papel, penna e tinta, são os materiaes ao dispor de quem tem por encargo encher as ultimas columnas deste periodico; encargo difficil por todos os titulos e ainda mais para quem quasi que começa a trilhar a escabrosa senda litteraria.

No entanto é forçoso que cumpramos o temerario compromisso que os jovens redactores da *Moidade* nos encarregaram, talvez preferindo quem melhor se incumbisse desse mister. Enchem-se pois as tiras em branco que diviso ante os olhos. Se faltarem factos, inventem-se; se forem excessivos, rustringem-se; e se forem exigidos, augmentem-se, com as considerações que d'elles sempre proveem.

É certo que a imaginação, quando fer-

til, torna-se o principal elemento para cabal desempenho de empreheensões semelhantes. Esse valioso recurso, infelizmente, não nos foi doado; e, á mingua de tão poderoso auxilio, reconhecemos a impossibilidade de bem satisfazermos o nosso dever.

Serão, porém, inexoraveis os leitores desta modesta folha? Podem elles por ventura desconhecer que o vôo da avezinha que começa a emplumar-se, não pôde ser longo? Podem tambem impossibilitar que o simples botão de qualquer roseira abra as suas petalas e mostre ser ou não bella a flôr?

Não por certo, porque tão implacaveis não serão elles!

E as leitoras?

Estas, podemos assegurar, com o sorriso meigo a desmentar nos labios e cora o coração repleto de generosidade, desculpa-ão os erros que cometermos e baixinho proferirão esta divina phrase—perdao!

Confiamos, pois, na benevolencia dos leitores e na generosidade das amaveis representantes do bello sexo. Ambos coadjuvar-nos-hão tenazmente, e, seja qual fór a estação da vida em que estejam, não podem negar a protecção de que carecemos.

§

A mocidade é a quadra dos risos, dos folguedos, dos amores, das illusões, emfim, da felicidade. Os velhos por ella suspiram saudosos, os homens viris lamentam tel-a perdida e os jovens se entristecem com a lembrança de, em maior ou menor prazo, terem de deixal-a!

Jardim formoso e odorifero da humanidade, palacio altissimo adornado de encantos e venturas, album doirado do existir mundano; a ti, as nossas sinceras saudações, acompanhadas de sentida queixa por tão cedo nos teres abandonado!

§

Do nosso patrio terreno litterario, tem ultimamente brotado não poucas flores de rescentes perfumes, e que honram o vergel litterario do paiz.

No romancismo *Paulo*, do Sr. Bruno Seabra; *A filha da vizinha*, do Sr. Fernandes dos Reis; *Inocência Risota*, *O vene-*

no das flores, etc., do Sr. Dr. Macedo; *Uma victima do amor*, do Sr. Silvio Rangel; *Pelo aluguel de um carro*, do Sr. Visconti Coaracy: são produções dignas de leitura e que desejamos que sejam lidas e apreciadas pelos nossos leitores que dellas não tenham conhecimento.

Na poesia ~~*As trovas burlescas*~~ de Getulino, no fim das quaes se divisão os soberbos cantos *A Rodrigues dos Santos*, *A Garibaldi* e *A Calabar*, fructos de uma intelligencia superior que honra a familia Andrada de immortel recordação; *As obras de Alvares de Azevedo* ultimamente dadas á lume em 2ª edição; e os *Cantos lyricos* do Sr. Joaquim Norberto, são desses mimos elevados, offercidos á patria que se ufana de ter dado o berço a esses seus tão distinctos filhos.

Nos—estudos historicos—*Os passeios*—do Sr. Dr. Macedo; *Os pequenos panoramas* e *Os ensaios biographicos* do Sr. Dr. Moreira de Azevedo; *Os episodios* do Sr. conego Pinheiro, e *As Brasileiras celebres* do Sr. Joaquim Norberto, escusão ser recommendados. Tão importantes e necessarios são os conhecimentos historicos que julgamos nada dever acrescentar a respeito.

Na litteratura dramatica *O luxo e vaidade*, *A torre em concurso* e o *Novo Othello* do Sr. Dr. Macedo; *Os Mineiros da desgraça* do Sr. Quintino Bocayuva; *A historia de uma moça rica* do Sr. Dr. Pinheiro Guimarães, e a *Sete de setembro* do Sr. Valentim Lopes, são os emblemas reluzentes que vaticinão o progresso desse importante genero de litteratura e marcam a mais gloriosa época da *Companhia dramatica nacional*, onde teem sido devidamente representadas.

No jornalismo—*A revista popular*, *A semana illustrada*, *O album litterario*, *O Acajá*, *A primavera*, *O Hemerodromo da juventude* e *A saudade*, quasi todos redigidos e sustentados por esse — gigante do porvir —, nas solemnes phrases do Sr. Dr. Magalhães; demonstram a existencia de horticultores habéis para abrilhantarem o jardim das bellas letras com as mais perfumosas flores.

Na musica—*A noite do Castello* do joven maestro o Sr. A. Carlos Gomes.

Na pintura—*A primeira missa no Brasil*

do Sr. Victor Meirelles; são padrões de gloria que devem perpetuar o brasil artistico e os seus brasileiros autores.

Mas nem tudo são flores! De permeio a essas bellas composições, teem apparecido algumas produções que felizmente rastejam, quasi olvidadas, na superficie da terra.

§

Já que tanto nos estendemos ácerca das bellas letras, em segredo damos aos leitores a grata noticia de que em breve tempo o nosso horisonte litterario se mostrará adornado de mais algumas estrellas que ainda não são visiveis porque uma neblina rouba de nossos olhos!

São ellas: *As poesias* do Sr. Dr. Luiz Delphin, a quem se espera concede o titulo de Victor Hugo Brasileiro, as do Sr. Bruno Seabra, nosso estimalo e conhecido poeta e romancista, e as do Sr. Alm. de Azambuja, joven e intelligente que tem ante si um futuro immenso; *O filho do pai*, drama do Sr. Luiz Ayque, tão modesto quanto illustrado mancebo; *Um anjo*, e *As azas*, comedia de não vulgar merecimento que illustrará o nome da distincta autora, e, outras composições poeticas, romaticas e dramaticas que não descrevemos porque seus titulos e autores não são desconhecidos.

§

E' para lastimar-se o fenecimento de mimosas e instructivas folhas—*Album litterario* e *Hemerodromo da juventude*, dignas de longa vida!

No entanto, com pezar confessamos, não temos uma aula ou qualquer cousa inherente á litteratura, que sirva de estímulo ás vocações nascentes! São estas iguaes ás plantas que vivem rachiticas por falta de cuidado!

Mesmo dos nossos conhecidos e acatados litteratos, quaes são os que se dignão aconsellar e guiar a mocidade estudiosa n'uma sen la tão intrincada?

A mocidade, porém, não é, nem pôde ser inactiva. Se bem não possua quem dessoladamente a conduza ao pharol resplandecente onde Minerva tem sua séde, não se olvida de, por si mesmo, envidar as possiveis forças para encetar uma tão

arriscada jornada; e, não obstante encontrar este ou aquelle embarço, tal ou qual escolho, se hoje se sente cansada, amanhã recobra as forças de que precisa e segue a viagem que tem o unico inconveniente de tornar-se demasiadamente longa.

§

Porque se não ha de instituir uma escola de litteratura que abranja os respectivos matizes? Podem ser desconhecidas as vantagens que della necessariamente provirão? O deficit consideravel que assusta a todos e que se desenvolve prodigiosamente, será motivo plausivel para não ser o paiz dotado de uma medida de tão transcendente monta?

Pois bem; admittida esta tamanha circumstancia, ainda se faz deparar um meio para effectuação de tão util obra; e, se os poderes do Estado entendem não ser conveniente a instrucção popular, encarregue-mo-nos de fundar um curso de litteratura. Teremos na verdade mais esse duplicado onus; mas não estamos a isso acostumados?

Quantas vezes satisfazemos os impostos decretados para um mutuo fim, e depois, se o queremos obter, mister se nos torna concorrer segunda vez?

Não supporta o povo com todos os onus, vexames e serviços, excelsas prerogativas que a elle dizem pertencer? Concorramos, pois, para a realisação de tão nobre empreza que dar-nos-ha em premio do capital pecuniario que empregarmos um não pequeno lucro intellectual.

Avante, pois, mocidade! A paralyisia não aproveita a ninguem, disse-o na tribuna parlamentar esse astro luminoso do nosso parlamento! A divisa do Sr. Dr. José Bonifacio, e — progresso, — e nós que nos consideramos na primavera da vida, não podemos deixar de combater as idéas retrogradadas e de batalharmos sob as ordens do chefe da cruzada pacifica e instructiva que se torna necessaria ao paiz que assim sahirá do estado de torpor em que tem ultimamente vivido!

Uma outra palpitante necessidade, é a reforma do nosso theatro normal.

Contrista-nos demasiadamente o espectáculo acabrunhador que se divisa n'esse templo d'arte que tem em si a circumstan-

cia de tornar mãos os actores soffríveis n'outros theatros, e soffríveis aquelles que se apreciavam como bons!

Em *S. Pedro*, encontra-se o elemento desprestigiador da arte! Uma completa antithese do que merece ser observado, infelizmente se distingue na empreza dramatica subitamente protegida pelos cofres do estado! *As Romãs encantadas*, *Sansões* e outras queijandas do autor do *Vinte Nove*, continuam a satisfazer os frequentadores d'essa escola de instrucção; e, em quanto o *Gymnasio* sem o menor auxilio do Estado, fornece á população da corte dramas e comédias como *O Pelotiqueiro*, *A Filha dos Trapeiros*, *os Mineiros da Desgraça*, *A Pecadora* e *A Historia de uma moça rica*, aquelle vasto recinto que nos legou as melhores recordações artisticas, desfructa o certo subsidio facultado na intenção de ser elle fecundo e não esteril.

De tudo isso, resta-nos a crença, arreigada infelizmente em quasi tolos os peitos, de que o nosso theatro normal não corresponde á expectativa publica e nem retribue ao auxilio que ainda se lhe dispensa.

Olhe quem compete para isso e tome as devidas providencias porque é mister fannar-se o mal que tem gangrenado o nosso estipendio do theatro dramatico.

Inda nos resta fallar da exposição nacional, desse notavel acontecimento nacional que nos pôde facultar immensa utilidade fuctura; falta-nos, porém, para isso, espaço, successo que igualmente se dá reactivamente ás preciosas vidas este mez ceifadas tão impiamente.

No proximo numero, promettemos cumprir esse tão triste e grato dever; triste—quanto ao sentimento de que nos achamos possuidos pelo ultimo compromisso, grato em relação ao primeiro.

O programma da *Mocidade*, inserido nas primeiras columnas, define os desejos de seus fundadores que francamente confessam necessitarem do inulto e animação publica.

O pedido da *redacção* tão facil de ser realisado, merecerá a devida attenção da parte dos nossos leitores?

Não hezitamos em affirmar.

O fructo não pôde ser improficuo, se as vistas da *redacção* forem secundadas pelos esforços que anheia lograr. A recompensa

nossa firmar-se-ha na mais profunda gratidão. Se (o que não esperamos) nos arremessarem louros, de bom grado os cedemos aos nossos protectores; se, porém, os espinhos nos ferirem demasiadamente em quanto perigrinarmos, contamos que os nossos leitores nos darão prestes o antidoto preciso para serem cicatrizados os golpes que recebermos!

Só assim poderemos, chegar á terra da promissão.

1861.

Felix.

Fragmentos de um manuscrito.

AO SR. ALMEIDA PINHO.

I.

Eu sinto n'alma um crepe funebre que me esmagaa creença creando o septicismo. Um gelo tumular abafou os sentimentos nobres do coração puro, e a explosão vulcanica foi produzida pela chamma ardente e corrupta da sociedade hypocrita. Feneceram uma a uma as mais risonhas illuzões, marcharam as esperanças, e despedaçou-se o argentino véo do futuro brilhante. Saíram-se no abysmo do esquecimento de fragmento em fragmento os elementos da vida. Um raio fulminou a minha existencia semeada de flores e os espinhos nasceram mortaes, envenenados pelo bafo impuro da hypocrisia, e manchados pela nodosa de um crime.

Vi resignada caminhar a mocidade; sofri com o riso nos labios tudo: porque amava! Depois, veio o pavoroso anjo da morte com funereos braços cingir a virgem de meus sonhos. Soltei um grito terrivel, espantoso, de dôr e de ahonia:—desmaiei...

II.

Accordei, e senti-me banhado em suor frio, fraco e abatido pelo peso de uma dôr immensa. Olhei o mundo, e tremi...

Não encontrei o encavto de minha vida: vi um tumulo immenso coberto de um manto funerario e terrives.

...

N'uma noite tenebroza, desesperado pela perda de meu primeiro e puro amor, arro-

jei-me sobre a campa e cingi-a com meus braços: chorei. Tive um sonho cheio de poesia e de amor.—Minha amada tinha-se levantado do tumulo, pallida e fria.

Vinha vestida com uma mortalha lugubre, e ornada de uma grinalda branca como a nave, mas uurcha. Chegou-se a mim. Accordei daquelle sonho espantoso e contemplei-a com amor e com medo. Aquelle olhar tinha gelo, e eu queria fogo, muito fogo de amor!

... e disse-me:

— Não esperavas tornar a ver-me? Vim! vim para te contemplar, porque a louca do meu tumulo não podia gelar a ardência do meu amor; Vim para te levar comigo ao seio da campa... E' tão bello o sepulchro! Tão bello! Reina lá uma serenidade de morte. Não se houve o bulicio do mundo, tudo é silencio. Dorme a alma n'um sonho poetico, porque já está separada do corpo. Vem! Vem! Vamos gozar um amor bello, poetico e sublime! Vem! Não posso viver sem ti!

III.

Accordei. Era dia, e os meus braços ainda cingiam aquella campa. Voltei-me e vi o mundo; o mundo perverso, a sociedade corrupta que ria da pureza de meu amor. Senti o halito das orgias; contemplei scenas de voluptuosas lascivias. Morreu-me no peito todo o sentimento nobre. Corri como um incensato, abracei a vida baccanal, e no fervor entusiastico dos vapores da embriaguez, exclamei êbrio:

« Convivas do prazer vinde comigo! » (1)

...

IV.

... e quando a morte cerrou-me os ciliós, eu era um erminoso que cansado do materialismo da existencia estúpida, tinha cahido exausto, á beira do sepulchro...

1861.

Viriato.

(1) B. da Silva.

Typ. Popular, rua Nova do Ouvidor n. 9.